

AUTORREPRESENTAÇÃO E VERDADE: DISSIDÊNCIA SEXUAL NO *POETRY SLAM*

Mariana de Oliveira Costa¹

Resumo: Assim como existe uma disputa pela representação dos sujeitos alterizados no campo teórico, esse movimento também acontece no campo literário e artístico. Em vista disso, as mulheres lésbicas têm demarcado seu espaço na cena do *slam*, desde suas primeiras edições internacionais e nacionais, reivindicando ouvidos para os quais a poesia falada desconstruirá a sub-representação até então lhes ofertada, fazendo com que a imagem desses sujeitos possa ser reconstruída por elas mesmas. O presente trabalho busca refletir acerca da produção de narrativas legítimas pela conceitualização de verdade atribuída à poética atravessada pela experiência e pela vivência, a autorrepresentação. Alguns conceitos relacionados à alteridade, interseccionalidade, sub-representação e, sobretudo, à autorrepresentação nos guiarão na compreensão de que a literatura em geral e, de modo específico, o *poetry slam*, vem se constituindo num espaço para vozes subalternizadas, um campo para a expressão de corpos políticos.

Palavras-Chave: Slam. Autorrepresentação. Lesbianidade. Verdade.

SELF-REPRESENTATION AND TRUTH: SEXUAL DISSIDENCE IN *POETRY SLAM*

Abstract: Just as there is a dispute over the representation of alterized subjects in the theoretical field,

¹ Doutoranda em Letras Neolatinas — Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: mariana.de.oliveira.costa@letras.ufrj.br.

this movement also takes place in the literary and artistic field. In view of this, lesbian women have demarcated their space in the slam scene, since its first international and national editions, claiming ears for which spoken poetry will deconstruct the underrepresentation offered to them until then, making the image of these subjects able to be reconstructed for themselves. The present work seeks to reflect on the production of legitimate narratives by the conceptualization of truth attributed to the poetics crossed by experience and by living, the self-representation. Some concepts related to alterity, intersectionality, underrepresentation and, above all, self-representation will guide us in the understanding that literature in general and, specifically, the poetry slam, has been constituting a space for subordinate voices, a field for the expression of political bodies.

Keywords: Slam. Self-representation. Lesbianism. Truth.

Introdução

Falar de *Poetry Slam* é também falar de autorrepresentação na Literatura Contemporânea, uma vez que ele se constitui de um campeonato de poesia oral que no Brasil é protagonizado por vozes que foram silenciadas socialmente, são elas pessoas de periferias, negras, indígenas, com deficiência, mulheres, LGBTQIA+ e etc.

A cena do *slam* surge em Chicago, em 1986, inserida socialmente na classe trabalhadora e se espalha ao longo das últimas décadas pelo mundo. Em 2008 o *slam* chega ao Brasil pelas mãos de Roberta Estrela D'alva que cria o ZAP! SLAM, o primeiro slam brasileiro, na cidade de São Paulo. Já em 2012, Emerson Alcalde inaugura o *Slam da Guilhermina*, que vai dar a cara do *slam* que conhecemos hoje a partir do desenho das regras nacionais, sendo o primeiro *slam* brasileiro a se realizar em locais públicos, como ruas e praças. Esse formato que

ocupa o espaço público é hoje adotado pela maioria dos *slams* no país, o que permite a realização e a multiplicação da cena nas cinco regiões, incluindo cidades interioranas, por conta da facilidade de acesso no caso da ausência de recursos materiais.

O *slam* é uma cena artística complexa e multifacetada que dialoga com aspectos sociais e políticos. Suas temáticas no país têm se voltado cada vez mais para esse recorte, o que consiste em um processo orgânico se pensamos que ele é realizado por e para grupos minoritários e subalternizados. Além disso, o contexto político do país aliado a velhos conhecidos do sistema, como o racismo, o patriarcalismo, a LGBT-fobia, etc. fazem com que existe uma necessidade vital e urgente de narrar, gritar, dar o testemunho daquelas identidades que são diariamente violentadas, assassinadas e silenciadas.

Quando mesmo em expressões literárias e poéticas de origem periférica não é incomum o protagonismo de homens, cis, heterossexuais, brancos e, por vezes, de classes abastadas, torna-se imprescindível a existência de um espaço que amplifique vozes alterizadas e que esteja atento às suas interseccionalidades. Os *saraus* de periferia, por exemplo, trouxeram ao centro do debate a classe trabalhadora e construíram o espaço da autorrepresentação para sujeitos subalternizados através do pertencimento ao território periférico. Mas como a transformação tem sido cada vez mais veloz e revolucionar é um verbo que se faz no presente pela sede de um futuro, a interseccionalidade entra em debate.

Essas construções poéticas que estão para além do texto falado no *slam*, podem se relacionar bem de perto com a performance teatral. Nos *saraus*, a oralidade e o corpo se tornaram significantes poéticos; já o *slam* radicaliza essa relação na medida em que é uma batalha de poesia, e, portanto, competitiva, o que faz naturalmente a intensidade performativa seja estimulada.

Assim, por meio do conceito de interseccionalidade podemos compreender que a autorrepresentação pode partir de mais de uma vivência e identidade ao mesmo tempo. De acordo com Akotirene:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado — produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Desse modo, pensar a interseccionalidade para toda a crítica ao feminismo hegemônico é também colocar o termo à disposição para expandir os debates acerca das questões de gênero e de sexualidade no recorte da autorrepresentação no *slam*. É, como nos diz Heloisa Buarque de Hollanda (2020), que os *slams* não podem passar despercebidos pelo feminismo, ao que acrescentamos que não devem tampouco ser esquecidos pelos estudos literários, de gênero e de sexualidade. Afinal de contas, em território brasileiro, “no *slam*, a ideia é produzir uma poesia mais direta, mais forte, que promova escuta, que interpele, que incomode” (HOLLANDA, 2020, p. 32).

O mesmo movimento de interseccionalizar lutas trouxe também avanços para o ativismo feminista e LGBTQIA+. No feminismo, observou-se a ocupação do movimento por mulheres brancas, privilegiadas e letradas cujo discurso não sustentava os desafios enfrentados pelas vivências negras e periféricas. Consequência disso, a última década mostrou uma redução de 8% na taxa de homicídios de mulheres não negras e, assustadoramente, um aumento de 15% na taxa de homicídios de mulheres negras². Já na comunidade LGBT-

² Dados obtidos a partir da Agência Brasil: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/em-10-anos-assassinatos-de-mulheres-negras-aumentaram-154>.

QIA+, a interseccionalização se inicia com a reorganização da sigla, colocando o L em destaque na 1ª Conferência Nacional GLBT, em 2008. Entretanto, no caminho a ser percorrido ainda há uma longa estrada, na qual a discussão e as pautas raciais são centrais para compreender que não há espaço na luta antiLGBTfobia para as omissões que acompanharam a trajetória do feminismo que, conforme explica a fundadora do Instituto da Mulher Negra, Sueli Carneiro (2003, 2011), se aprisionou em uma visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, o que resultou no silenciamento de vozes e na estigmatização de corpos de mulheres que são vítimas de outras opressões para além do sexismo.

A pesquisadora feminista Heloisa Buarque de Hollanda (2020) ao organizar o livro *Pensamento Feminista Hoje* volta a explorar as perspectivas decoloniais do pensamento feminista contemporâneo e, em sua introdução, apresenta uma linha do tempo que parte das teorias pioneiras que expressam a necessidade da revisão das políticas feministas e que estiveram, até recentemente, centradas no Norte Global. Com o propósito de recuperar epistemologias silenciadas e denunciar a incorporação estrutural de paradigmas heteronormativos, baseados em classificações sociais rígidas e nas matrizes do sistema capitalista, a agenda feminista recebe uma demanda prioritária de reorganização, que recai, como explicitado, na interseccionalização das vozes que passam a renegar a opressão advinda desse feminismo liberal que se volta somente para o Norte Global.

Quando traz a discussão para ações e trabalhos no campo do feminismo decolonial, Heloisa Buarque de Hollanda organiza e apresenta múltiplas perspectivas e criações que envolvem o ativismo na segunda década do século XXI. No trabalho publicado pela autora, os *slams* não ficam de fora, claro, e são lidos como referências literárias que atuam como recurso político e transformador nos territórios periféricos.

Além disso, como nos diz Beverley (1992), ao estabelecer um diálogo com Spivak e oferecer-nos reflexões sobre uma questão posterior, o subalternizado fala muito e que a oralidade representa uma de suas principais características. Por essa razão, ele possui potência para entrar nas disputas narrativas pelo caminho da autofiguração e constrói caminhos para que a oralidade deixe de representar um obstáculo para tornar-se uma estratégia válida, conforme demonstrará a existência e a expansão rápida que tem o *slam* no território brasileiro. Além disso, como princípio de democratização da cultura, da arte e da poesia, o *slam* já nasce decolonial quando amplia espaço para a poesia oral, derrubando um obstáculo conhecido para muitas poetas de origem periférica: a norma culta da língua escrita.

O sujeito subalternizado sempre falou. Hoje sabemos que elxs têm voz e que o problema não reside em sua garganta, mas no ouvido hegemônico, que se fecha por não querer ouvir suas formulações discursivas. Prefere ocupar o espaço cômodo que o privilégio lhes proporciona e usufruir das muitas “vantagens” que há na continuidade de um imaginário advindo da representação estigmatizadora. Na verdade, trata-se, sobretudo, de relações de poder.

Nas disputas narrativas, o poder de falar e de ser ouvido esteve por muito tempo nas mãos de sujeitos de grupos hegemônicos da cidade letrada, tendo prioridade a figuração de corpos cis, masculinos, brancos e heteronormativos. Nas batalhas de poesia do *slam*, projetam-se como formas de resistência vozes de luta que se recusam ao silenciamento, que se fazem ouvir e que traduzem a existência de corpos que vivem o que falam e, por isso, fazem da poesia falada uma plataforma concreta e palpável.

Sexualidade e verdade: corpos políticos no Sul Global

Assim como existe uma disputa pela representação dos sujeitos alterizados no campo político e teórico, esse movimento também acontece no campo literário e artístico. Em vista disso, as mulheres lésbicas têm demarcado seu espaço na cena do *slam*, desde suas primeiras edições internacionais e nacionais, reivindicando ouvidos para os quais a poesia falada desconstruirá a subrepresentação até então lhes ofertada, fazendo com que a imagem desses sujeitos possa ser reconstruída por elas mesmas.

Desde o século XIX, nos diz Foucault (1988), a sexualidade ocupa um papel de proibição baseado nos imperativos da moral. O sexo se apresenta, então, como uma verdade insuportável e perigosa; falam de perversão e tentam se esquivar, enquanto repetem que se trata de uma questão fisiológica de reprodução. Para o filósofo, a questão sexual está intrinsecamente conectada com a produção de verdade, como quando narra a história de Charcot:

O importante nessa história não está no fato de terem tapado os próprios olhos ou os ouvidos, ou enganado a si mesmos; é, primeiro, que tenha sido construído em torno do sexo e a propósito dele, um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascarar-la no último momento. O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade (FOUCAULT, 1988, p. 65).

A própria sexualidade lésbica é ainda uma verdade mascarada, colocada no armário, um segredo, uma confissão. E aquelas que dali saíram dão seu testemunho, sua narrativa, sua experiência como uma verdade possível, seja na representação militante, seja no relato devoto de um amor,

como acontece nos dois poemas que serão emprestados como objeto de análise mais adiante.

Para a autora estadunidense Audre Lorde (2020) que também reafirma sua sexualidade lésbica, o tratamento ocidental que é dado ao erótico é uma consequência da ação de homens brancos, héteros e cis que binarizam e polarizam para sempre dividir e dominar. Segundo ela, a verdade também vive na parte oculta do erótico, um espaço secreto, guardado em nosso lado feminino, oculto, obscuro:

O erótico é um recurso intrínseco a cada uma de nós, localizado em um plano profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados. Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar as várias fontes de poder na cultura do oprimido que podem fornecer a energia necessária à mudança. No caso das mulheres, isso significou a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas. Fomos ensinadas a suspeitar desse recurso, demonizado, maltratado e desvalorizado na cultura ocidental (LORDE, 2020, p. 67).

Podemos, assim, ver os efeitos de uma *scientia sexualis* agora localizada em território americano, colonizado, carregado de outras opressões cuja resposta vem de diversas formas, mas ainda por vezes que buscam trazer a verdade de quem sente na pele, seja através da luta política, seja pelo direito de amar e errar. E que tem a ver também com as disputas de poder contracoloniais: “Pois não apenas entramos em contato com as fontes da nossa mais intensa criatividade, como também com o que é feminino e autoafirmativo diante de uma sociedade racista, patriarcal e antierótica” (LORDE, 2020, p. 74).

Nesse sentido, a pesquisa se aproxima de um conceito de verdade decolonial, oculto, erótico e por si só revolucionário e liberador. Ainda que entendamos também que entre a

Ars Erótica e a *Scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988) há um mundo que não é um, nem outro, mas ambos em maior ou menor proporção. Aproximando-nos das interpretações foucaultianas em sua proposta de

procurar a relação fundamental com a verdade, não simplesmente em si mesmo — em algum saber esquecido ou em um certo vestígio originário — mas no exame de si mesmo que proporciona, através de tantas impressões fugidias, as certezas fundamentais da consciência (FOUCAULT, 1988, p. 58).

Temos aqui uma linha divergente, mas não contrária àquela que nos apresenta Lorde, porque, assim como na proposta de buscar a maior variedade de representações para conectá-las e lê-las por diferentes ângulos, como nos orienta Regina Dalcastagnè (2021), também há a possibilidade de uma leitura não dicotômica de expressão da verdade, que passa por olhá-la por diferentes ângulos e recortes, como se fosse uma fotografia, verificando todos os caminhos até aqui vistos para a sua legitimação.

Mas, como Lorde cria suas definições a partir de um olhar decolonial, nos servimos neste trabalho de sua conceitualização de poesia, que serve melhor do que uma luva para tratarmos de *poetry slam*:

Falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo tão distorcido, os patriarcas brancos chamam de *poesia* — a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento (LORDE, 2020, p. 46).

Basta lembrar que o conceito de bom está extremamente vinculado ao valor de lucro no contexto sócio-histórico em que essas expressões estão sendo criadas e repercutidas para entender a problematização inversamente proporcional que faz Lorde.

Já o autor argentino Ricardo Piglia (1986) se posiciona explicitamente sobre o entendimento foucaultiano de realidade e faz um apontamento muito importante para o recorte deste trabalho:

Yo tomo distancia con respecto a la concepción de Foucault que a menudo tiende a ver lo real casi exclusivamente en términos discursivos. Es obvio para mí que hay zonas de la realidad, las relaciones de dominio y opresión, por ejemplo, que no son meramente discursivas. Las relaciones de dominación son materiales y sobre ellas se establecen relaciones discursivas (PIGLIA, 1986, p. 7).

Diante das representações literárias e poéticas advindas dos cânones e produzidas pelos escritores hegemônicos, carregadas de silêncios quando não omitidas por completo, temos agora uma aproximação tão intensa, visceral e descritiva descarregada de mentiras, omissões e ocultismos, dando lugar ao orgulho, vocábulo símbolo da comunidade LGBTQIA+.

E, apesar de ser uma cena recente, a história que atravessa as temáticas e performances do slam é carregada de passado, assim como todas as pautas identitárias da atualidade, podendo voltar na Idade Média para entender o valor que a confissão recebe ao longo dos séculos que desde a Inquisição e a constante abominação à sodomia:

de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das "provas" de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma da confissão acena como sendo o inacessível (FOUCAULT, 1988, p. 58).

Da idade média ao presente, a moral cristã e o estigma que recai sobre as mulheres lésbicas se fazem constantemente presentes e, embora não se pratique ainda as fogueiras e as prisões, os números mencionados acima somados àqueles

que não informados seguem evidenciando uma verdade bastante dolorosa. Por isso, é preciso afirmar que lesbianidade é mais do que um conceito, é a expressão de um corpo, de uma identidade, portanto sua representação na literatura diz muito sobre espaços conquistados, seja pelas abordagens discretas adotadas em períodos anteriores, seja pelo grito de liberdade trazido pela literatura contemporânea, como na poesia falada, por exemplo.

Nesse sentido, podemos recordar aquilo que nos diz Susan Sontag (2003, 2006): "[...] pois o Outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê." (SONTAG, 2003, p. 63). Se o Outro é todo aquele que não está no padrão determinado pelos grupos hegemônicos, como disputar, então, a questão da legitimidade?

Para responder a essa indagação, nos interessa um olhar e uma audição atentos à construção poética e à performance dos poemas de *slam* que tratam do tema da subjetividade lésbica no Brasil e que são produzidos por poetisas baseadas em suas próprias experiências vividas, seus testemunhos com a legitimidade de quem estava lá e de quem sabe como é ser, saber e poder (QUIJANO, 2005; LUGONES, 2020).

A legitimidade, dessa forma, acontece no reconhecimento do testemunho que atravessa a poética do *slam*. Bourdieu, ao tratar da questão regional e nacional, diz sobre o testemunho:

Em suma, os vereditos mais “neutros” da ciência contribuem para modificar o objeto da ciência: logo que a questão regional ou nacional é objetivamente posta na realidade social, embora seja por uma minoria atuante (que pode tirar partido da sua própria fraqueza jogando com a estratégia propriamente simbólica da *provocação* e do *testemunho* para arrancar réplicas, simbólicas ou não, que impliquem um reconhecimento), qualquer enunciado sobre a

região funciona como um *argumento* que contribui — tanto mais largamente quanto mais largamente é reconhecido — para favorecer ou desfavorecer o acesso da região ao reconhecimento e, por este meio, à existência (BOURDIEU, 1989, p. 118).

O testemunho oferece reconhecimento e, portanto, comprova a existência do sujeito naquele espaço periférico e naquela vivência que se torna narrativa poética. Assim como os viajantes dos quais fala Pierini (1994):

Entre las características esenciales del género se encuentra su explícita intención de *veracidad*. Al saber libresco — que puede presentarse como una fuente “sospechosa” — se opone el saber que nace de la experiencia, de lo visto, lo vivido, frente a la letra escrita (PIERINI, 1994, p. 174).

A poética, portanto, dentro do que se refere à subjetividade lésbica se encaixa no que Pierini intitula discurso evocador, que é aquele que traz ao presente o distante, o recordado, o que marcou e deixou cicatrizes.

Pensar a produção de verdade a partir da subjetividade lésbica no poetry slam pode representar uma abertura para revisar e evitar a repetição dos mesmos velhos, brancos, ricos e cisheteronormativos padrões. Nesse sentido, observamos o papel das dissidências sexuais na busca pela reorganização social que a decolonialidade do sul global organiza e prevê.

Veja-se que, para uma sociedade como a latinoamericana, dominada em um primeiro momento pela hegemonia europeia e, depois, também, pela cultura capitalista estadunidense, ser normalizado nunca foi uma opção já que seguimos os parâmetros hegemônicos ocidentais. O que acontece é que esse mesmo padrão imposto aos latinoamericanos com base em sua territorialidade é reproduzido por nós mesmos dentro de nosso território, a bipolaridade hegemonia-padrão-normal versus alteridade-subalternizada-exótica se repete entre os países e dentro de cada um deles, de cada

cidade, zona ou bairro. Do macro ao micro, a anormalidade serve como característica imposta ao Outro que pertence a um território periférico em contraposição a um território hegemônico, detentor de prestígio e de poder — seja no plano econômico, político, social e identitário, claro.

Para finalizar esta breve reflexão, cabe destacar que os poemas produzidos a partir da autofiguração da dissidência sexual demonstram o reconhecimento do valor daquilo que dizem e a autolegitimação como um processo terapêutico no qual as mulheres lésbicas podem se libertar da colonialidade do ser, desvinculando-se da necessidade de validação do outro. Em seus poemas escriventes, as poetisas demonstram o saber decolonial de reconhecer a potência que é autorrepresentar-se e praticam sua liberdade de falar sobre o amor lésbico e condensar suas subjetividades em suas poéticas. Afinal de contas, a relevância do *slam* é justamente abrir espaço para o corpo e para voz, por isso são corpos e poemas políticos, escrividos e transpirados para revolucionar.

Referências

- ACHUGAR, Hugo, BEVERLEY, John (Org.). *La voz del otro: testimonio, subalternidad y verdad narrativa*. Lima, Pittsburgh: Latinoamericana, 1992.
- AKOTIRENE, KARLA. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 107-132.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 1 nov. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. Porto Alegre: *Letras de Hoje*. v. 42, n. 4, 2007. p. 18-31.

DALCASTAGNÈ, Regina. O prego e o rinoceronte: resistências na literatura brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tábula Rasa*, n. 9, julio-diciembre, Colômbia, 2008, p. 73-101. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

PIERINI, Margarita. La mirada y el discurso: la literatura de viajes. In: PIZARRO, Ana, (Org.) *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 2: Emancipação do Discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: Editora Unicamp, 199. p. 161-183.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. 3. ed. Buenos Aires: Seix Barral, 1986.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. 1 reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre la fotografia*. Trad. Carlos Gardini. Cidade do México: Alfaguara, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

[Recebido em: 31 mar. 2022 — Aceito em: 13 out. 2022]